



Que a educação musical é diversa e feita em múltiplos contextos é fato. As experiências pessoais e profissionais dos educadores musicais brasileiros, fora toda a literatura da área dos últimos anos (como os escritos existentes nos registros da ABEM, da ANPPOM, da ISME e do próprio FLADEM internacional), têm mostrado isso. Entretanto, que diversidade é essa? O que se fala quando se debate múltiplos contextos? Essa literatura, quando discute diversidade em educação musical, geralmente a trata como diferentes contextos sociais e educacionais, tais como a escola básica, o conservatório, a escola de música, os projetos sociais, as ações no terceiro setor, etc. Entretanto a diversidade não é apenas isso. A diversidade abrange diversas outras facetas muitas vezes esquecidas, na verdade muitas vezes obliteradas, apagadas, invisibilizadas do nosso cotidiano. Nas nossas discussões docentes ou na literatura acadêmica, abordamos a questões relacionadas à mulher e à violência de gênero? Ao racismo (institucionalizado ou não)? Ao currículo e à educação musical como reprodutores de pessoas acríticas ou como elemento de formação humana? Tratamos da imposição de modelos, abordagens, metodologias e repertórios para a educação musical à revelia das realidades brasileiras? Nos ocupamos identidade de gênero e orientação sexual dos atores educacionais?

Tendo essas e outras preocupações que os boletins do Fladem-Brasil têm se nutrido nesse ano: as diversidades da educação musical. Isso se deu porque quando nos fizemos as perguntas acima, percebemos que a discussão é quase inexistente em âmbito nacional, pelo que quisemos e queremos destacar alguns pontos que merecem atenção dos atores da área da educação musical e da sociedade ao redor dela.

Em janeiro, a comissão de vogais, professores Juliane Larsen, Djenane Viera e André Luiz Gonçalves de Oliveira, fez uma pequena introdução do que o FLADEM (com maiúsculas, porque se trata do foro internacional), como organismo que pensa a educação musical desde bases educacionais, epistemológicas, culturais, sociais, musicais, artísticas e, sobretudo, *humanas* pode aportar às discussões e às práticas educativo-musicais no Fladem-Brasil. Fomentar a construção de uma área autônoma que pensa a partir e para ela mesma, com uma rica diversidade cultural que nos caracteriza como latino-americanos. Busca-se, portanto, uma decolonização do saber, da cultura e do fazer artístico.

De aí, começamos a entrar em assuntos mais específicos. Em fevereiro, o prof. André Luiz Gonçalves de Oliveira e Juliane Larsen se debruçam sobre os processos de decolonização do saber e a sua vinculação com a linguagem musical (com especial atenção na música da Idade Moderna e no sistema tonal), sua organização e estruturação, assim como diversas práticas musicais. A partir do pensamento descolonizatório, podemos chegar a processos emancipatórios, o que o FLADEM, ao mesmo tempo, promove e participa desde o seu ideário flademiano, promulgado no ano de 2002 na Cidade do México. Este assunto é tratado no boletim de março, escrito pelo ex-presidente do FLADEM (2015-2017), prof. Alejandro de Vincenzi, que faz um relato de como surge o FLADEM e de como o pensar os processos educativo-musicais de forma autônoma, crítica, emancipatória e emancipadora, pondo em evidência que o ideário flademiano surge numa perspectiva de valorizar o Latino-americano para dentro da América Latina, pautado nas pedagogias abertas.

No boletim seguinte, quase como uma consequência natural do texto do prof. Alejandro, o atual presidente do Fladem-Brasil, prof. Leonardo Batista, realiza uma discussão articulando descolonização, currículo e emancipação, isso justificando a educação musical como um meio necessário para formação humana. Na base desse texto encontramos uma provocação bem contemporânea: a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), documento orientador para a escola básica e dividido em três diferentes níveis (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) que foram promulgados à revelia das vozes (contrárias e dissonantes) da sociedade civil. A BNCC impacta diretamente na presença da educação musical na escola, ferindo a

LDB de 96 e as leis posteriores (Lei 11.769/2008 e 13.278/2016), que garantem o ensino-aprendizado da música e das outras linguagens artísticas dentro da escola. Em maio, ainda no polêmico tema da BNCC, o prof. Micael Carvalho dos Santos escreve especificamente sobre a base do Ensino Médio, a única que ainda não foi aprovada até o momento deste boletim, e os prejuízos que ela pode trazer ao currículo e à educação musical. O texto, em forma de alerta e de denúncia, descreve os caminhos pelos quais essa e as outras duas BNCCs têm tramitado pelo legislativo nacional, com o nulo ou mascarado diálogo com a sociedade civil. Além disso, mostra que a base do Ensino Médio mantém a sua essência positivista e conteudista, afastando-se dos ideais de criticidade e de emancipação próprios de um currículo pautado na e para a formação humana.

Por fim, no boletim de junho, adentramos um tema parcamente abordado: a mulher negra e a música. A profa. Antonilde Rosa Pires, música, negra, mulher, fala do racismo, da invisibilização da mulher, do preconceito, do machismo, da misoginia, tanto no campo da interpretação como no da composição. Este tema, demasiado importante, dá o início a uma série de discussões que serão geradas nos próximos boletins do ano de 2018.

Os boletins do Fladem-Brasil estão longe de ser um ponto final nos debates, e nem o pretendem de forma alguma. Eles não são definitivos. São, sim, uma fagulha para incitar, para incomodar, para gerar um lugar e um espaço no qual esses assuntos possam ser abordados. Essa discussão não se restringe, apenas, ao texto escrito, mas também aos debates em alguns dos muitos encontros presenciais que o fórum brasileiro promove. Para ter-se uma ideia do que temos trabalhado, em abril realizamos a I Jornada Fladem-Brasil em mais de 15 estados da república. Já em junho houve o I Fórum Latino-americano de Educação Musical na Educação Básica, em Belém/PA. Em julho seguimos ao XXIV Seminário Latinoamericano de Educación Musical, em Lima-Peru, evento máximo desse movimento.

E entre os dias 11 e 14 de setembro haverá o II Seminário Nacional do Fladem-Brasil, na cidade de Vitória/ES. Perseguindo essa ideia do pensamento decolonizador, do currículo emancipador e emancipatório e das culturas latino-americanas, o

Seminário se foca em três perguntas chave: O que são as pedagogias abertas? O que se entende por currículo? O que a Educação Musical pode contribuir para a formação humana? Isso se dá através de mesas de trabalho, mini-cursos, espaços de intercâmbio de experiências e propostas pedagógicas e materiais educacionais, e mostras artísticas que nos deixam um gostinho de como o FLADEM funciona e de como podemos aprender na partilha e no debate de saberes e de práticas.

Enfim, o Fladem-Brasil abraça essas discussões e compartilha os saberes e práticas dos seus próprios integrantes. Não se criam soluções mirabolantes, mas se abrem espaços para o intercâmbio, sempre pautados no respeito à diversidade da educação musical: cultural, sonora, educacional, social, étnica, regional, identitária, religiosa, de gênero... Elas perpassam e transpassam os pares “escola básica-escola de música”, “formal-informal”, “erudito-popular”, “teoria-prática”. Descortina-se um universo de temáticas pouco exploradas, ainda que demasiado influentes, nas nossas conversas e nos nossos trabalhos como educadores.

FLADEM e Fladem-Brasil é muito mais que um fórum de acadêmicos. FLADEM e Fladem-Brasil são, a meu ver, modos de ver, de pensar, de indagar e de descobrir muitas diversidades e muitas educações musicais!

Léo Borne

Agosto / 2018